

ARTIGO

“ELEVAR TOBIAS, SEM DIMINUIR MACHADO DE ASSIS”: UM ENSAIO SOBRE RECEPÇÃO LITERÁRIA NO RIO GRANDE DO NORTE NO ALVORECER DA REPÚBLICA

BRUNO BALBINO AIRES DA COSTA

Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor efetivo do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, campus Canguaretama. Professor permanente do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professor colaborador do mestrado profissional em ensino de História, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Prof.História/UERN).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3538-182X>

RESUMO: O ensaio tem como objetivo compreender um determinado aspecto da cena literária do Rio Grande do Norte no alvorecer da República, mais especificamente, de que maneira o intelectual potiguar, Alberto Maranhão, apropriou-se de uma das discussões literárias de grande circulação nacional à época: a crítica de Sílvio Romero à obra de Machado de Assis. Para a consecução dessa empreitada, será analisada a resenha bibliográfica que Alberto Maranhão publicou na Revista do Rio Grande do Norte, em 1898, sobre o livro *Machado de Assis – um estudo comparativo de literatura brasileira* (1897) de Sílvio Romero.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; República; Rio Grande do Norte.

“ELEVATING TOBIAS, WITHOUT DIMINISHING MACHADO DE ASSIS”:

AN ESSAY ON LITERARY RECEPTION IN RIO GRANDE DO NORTE AT THE DAWN OF THE REPUBLIC

ABSTRACT: The essay aims to understand a certain aspect of the literary scene in Rio Grande do Norte at the dawn of the Republic, more specifically, how the intellectual from Rio Grande do Norte, Alberto Maranhão, appropriated one of the literary discussions of great national circulation at the time: Silvio Romero's criticism of the work of Machado de Assis. For the achievement of this task, the bibliographic review that Alberto Maranhão published in *Revista do Rio Grande do Norte*, in 1898, about the book *Machado de Assis – um estudo comparativo de literatura brasileira* (1897) by Sílvio Romero.

KEYWORDS: Literature; Republic; Rio Grande do Norte.

Recebido em: 23/12/2022

Aprovado em: 31/03/2023

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2023v78p210-236>



Introdução

Luís da Câmara Cascudo foi um dos primeiros intelectuais potiguares a historicizar a literatura norte-rio-grandense. Especificamente sobre a vida literária em Natal, no alvorecer da República, Luís da Câmara Cascudo relata: “A geração da república continuou no caminho anterior” (1980, p. 378). Para ele, antes mesmo de instalado o novo regime político, já havia um crescente número de jovens interessados nos mais diversos ofícios literários, o que poderia ser comprovado pelo número expressivo de textos publicados na imprensa periódica e em revistas locais, bem como a existência de várias associações literárias. Contudo, foi no contexto da República que houve um significativo florescimento das letras potiguares, especialmente com o surgimento das agremiações literárias que arregimentaram diversos intelectuais em torno delas.

Os grêmios literários funcionavam como lugares de sociabilidade intelectual, possibilitando a veiculação de ideias entre os seus associados e a publicação de seus textos (Silva, 2014, p. 94). Uma das agremiações literárias mais expressivas no Rio Grande do Norte durante a Primeira República (1889-1930), no que tange ao número de intelectuais e ao volume de publicações, foi o *Grêmio Polymathico*¹, criado com o intuito de reunir um pequeno grupo de estudiosos interessados em introduzir “em nossa terra a Litteratura, na forma estavel e duradoura de livros, affirmando-se que aqui estuda-se e aprende-se”² (A república, 1897).

Assim como outras associações intelectuais do período, o grêmio contava com uma revista, intitulada *Revista do Rio Grande do Norte* (RRN), publicada durante dois anos, de 1898 a 1900. Nas páginas da revista, os leitores encontravam artigos de diferentes áreas do saber: história, direito, filosofia, crítica literária etc. Essa diversidade temática estava na proposta da agremiação, não é por acaso o uso do termo *polimático*, sugerindo a “ideia de uma atividade intelectual e cultural extensa, variada, erudita” (Costa, 2017, p.148). A RRN publicava artigos referentes ao universo material e econômico do estado, à formação étnica, histórica e cultural do povo norte-rio-

¹ Associação literária fundada em meados de outubro de 1897 na cidade de Natal-RN, por jovens intelectuais do estado: Alberto Maranhão, Antônio José de Mello e Souza, Manoel Dantas, Pedro Avelino e Thomaz Gomes.

² Neste ensaio, preservar-se-á a “cor local” da grafia utilizada nos documentos analisados.

grandense, ao regime republicano, bem como assuntos pertinentes à política nacional e internacional, à administração pública da cidade do Natal e, especialmente, textos de natureza literária: poesias e resenhas de obras de literatura. Tratarei, especificamente, dessas últimas.

A escolha pela resenha literária tem sua razão de ser: é um gênero textual privilegiado para o estudo da recepção literária, ou melhor, de um dos seus objetos de investigação, a saber: o leitor empírico, mais precisamente, o leitor crítico. Por essa noção, entende-se aqui como um determinado tipo de leitor empírico, isto é, um leitor real, “postado diante de um texto” (Guimarães, 2001, p.28), que produz uma crítica textual de uma dada obra literária, observando os seus mais variados aspectos, que vão desde a estética até a análise de conteúdo. O leitor crítico escreve, comenta, suas impressões de leitura a partir de um suporte específico, no caso, a resenha bibliográfica, na qual circula suas ideias, divulgando-as a outros leitores. Ao considerar a resenha bibliográfica como fonte de análise para o estudo da recepção literária, é preciso estar consciente do seu papel e da sua semântica no século XIX.

Ao verificar o significado do vocábulo *resenha* nos dois principais dicionários da língua portuguesa que circulavam no Brasil na virada do século XIX e início do XX, identifica-se que seu significado esteve atrelado, inicialmente, ao universo militar, denotando a ideia de enumeração, uma espécie de contagem do número de tropas (Silva, 1789, p.330; Pinto, 1832, p.772). Todavia, o verbo “resenhar” recebe um outro sentido para além do exercício da enumeração, qual seja: verificar se as coisas têm as qualidades requeridas (Silva, 1789, p.330; Pinto, 1832, p.772). Em termos literários, aquele que se prontifica a elaborar uma resenha ou resenhar deveria examinar se o objeto a ser analisado reuniria as qualidades correspondentes à sua conformação. Em outras palavras, o resenhista era um avaliador, um leitor crítico, com a responsabilidade de informar aos outros leitores se a obra em questão atenderia ou não aos requisitos esperados do gênero literário. Nesse sentido, a resenha bibliográfica possibilita, portanto, identificar de que maneira um determinado texto foi lido, recebido, por um dado leitor específico.

Ao lançar mão da análise da resenha como fonte de investigação para o estudo da recepção literária, objetiva-se, nesse ensaio, compreender

melhor a cena literária do Rio Grande do Norte no alvorecer da República, mais especificamente, de que forma um dos principais intelectuais do estado, Alberto Maranhão, apropriou-se de uma das discussões literárias de grande circulação nacional à época: a crítica de Silvio Romero à obra de Machado de Assis. Diante disso, uma questão se faz necessária: de que maneira essa crítica foi lida por um dos mais prestigiados intelectuais potiguares? Para a consecução dessa empreitada, será analisada a resenha bibliográfica que Alberto Maranhão publicou na RRN, em 1898, sobre o livro *Machado de Assis – um estudo comparativo de literatura brasileira* (1897) de Sílvio Romero.

Com o intuito de responder às questões propostas, o ensaio está dividido em três seções: na primeira, apresentam-se alguns aspectos da biografia de Alberto Maranhão, especialmente em relação ao seu papel como crítico literário; em seguida, historiciza-se a crítica que Silvio Romero fez à obra de Machado de Assis; e na última parte, analisa-se a recepção da referida crítica a partir da resenha de Alberto Maranhão.

Alberto Maranhão, um crítico literário

Nascido em Macaíba, em outubro de 1872, Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão foi um dos mais prestigiados intelectuais e políticos do Rio Grande do Norte da Primeira República (1889-1930). Como político, Alberto Maranhão ocupou importantes cargos da administração pública. Foi governador do estado do Rio Grande do Norte, deputado federal e secretário de governo. Como gestor público, patrocinou as letras e as artes *no e do estado* (Costa, 2017, p.130). Além de político, Alberto Maranhão participou ativamente da vida intelectual do estado. Escreveu e publicou diversos textos, sobretudo na área de história e de literatura.

Em relação aos textos literários, Alberto Maranhão foi um dos sócios do *Gremio Polymathico* que mais publicou textos de crítica literária em sua revista. Todos foram publicados na seção intitulada *Bibliographia*. Nela, o intelectual norte-rio-grandense analisou algumas obras de literatura nacional e internacional, além de avaliar traduções de textos de natureza filosófica e documental.

A crítica literária de Alberto Maranhão tinha como foco principal a análise do estilo adotado pelo autor. Fundamentalmente, o intelectual potiguar tomou como referência os textos de crítica literária do seu contemporâneo, José Veríssimo, publicados pela *Revista Brasileira*. O *modus operandi* da crítica do diretor da *RB* foi de grande importância para as análises de Alberto Maranhão, sobretudo no que se refere à avaliação do estilo de uma determinada obra.

José Veríssimo considerava o estilo como a parte mais difícil da crítica literária, pois requeria do examinador qualidades essenciais de inteligência, gosto, penetração e acurada leitura de um determinado autor (1895, p.125). Desse modo, o crítico literário deveria partir do estilo do escritor, estabelecendo um “estudo minucioso de sua maneira, dos seus processos, da sua linguagem” empregados em sua obra (Veríssimo, 1895, p.125). A rigor, a crítica ao estilo constituía-se em um processo de identificação do vocabulário empregado pelo autor em seu texto, especialmente relativo ao domínio correto da língua nacional e à sua capacidade de formular narrativas bem elaboradas. José Veríssimo compreendia que apenas o uso dos vocábulos não era uma condição proeminente para avaliar a qualidade de um escritor. A arte de escrever dependia mais da combinação das palavras e das frases do que meramente da cópia dos vocábulos (Veríssimo, 1898, p.160).

Em um artigo publicado entre abril e junho de 1898, na seção *Bibliographia* da *Revista Brasileira*, José Veríssimo caracterizou como pobre o vocabulário utilizado por Joaquim Nabuco, no primeiro volume da obra *Um Estadista no Império*, uma vez que sua sintaxe era minimamente francesa (Veríssimo, 1898, p.160). Para José Veríssimo, a estruturação das frases da obra era mais francesa que portuguesa ou mesmo brasileira, por essa razão faltava-lhe variedade nas modalidades sintáticas. Somente a língua materna poderia fornecer um repertório seguro de vocábulos para a constituição de sentenças que expressassem todas as sensações e ideias, nas suas nuances e sutilezas, de um determinado autor: “não se conhecem grandes escritores fora da sua língua nacional” (Veríssimo, 1898, p.160). No arrazoado de José Veríssimo, um estilo elevado só é possível se o autor renunciar o estrangeirismo, principalmente o galicismo. Essa concepção já

era defendida por intelectuais brasileiros, e também portugueses, desde a primeira metade do século XIX (Araújo, 2008, p.114).

No decorrer do século XIX, no Brasil, para alguns críticos, o juízo de uma obra passava também pela análise do estilo do autor, avaliando-o a partir da sua capacidade de empregar os vocábulos da língua nacional na economia do texto e renunciar qualquer estrangeirismo, especialmente o galicismo. Esses critérios eram considerados indispensáveis para José Veríssimo. Decerto, Alberto Maranhão levou a cabo esses critérios.

Uma das primeiras obras literárias analisadas por Alberto Maranhão foi o romance de Arthur Lobo, intitulado *Um escandalo* (1897). Na avaliação do intelectual norte-rio-grandense, o estilo do romancista não estava bem acentuado (Maranhão, 1898, p.57). Alberto Maranhão não deixou claro em que medida o autor evidenciou ou não o seu estilo na obra. Apenas menciona que havia capítulos superiores a outros no que concerne à precisão de vocábulos e o que ele chamou de beleza de formas (1898, p.56). A crítica ao vocabulário estava diretamente relacionada ao emprego de neologismos “mais ou menos inúteis” pelo romancista. No crivo de Alberto Maranhão, o neologismo incorria na imprecisão de palavras no texto, comprometendo a evidência do estilo do autor. O intelectual potiguar fez a mesma crítica ao romance *O Livro de Alda* (1898), do escritor português Abel Botelho, avaliando-o como “fatigante e muito está do dos bons escriptores da lingua portuguesa” (1898, p.366). Para ele, *O Livro de Alda* foi escrito com uma falsa opulência de vocabulário, pululando em todas as suas páginas neologismos, “alguns insupportaveis, que prejudicam quase sempre a belleza, por vezes notavel, d’esse vigoroso trabalho” (Maranhão, 1898, p.366). Alberto Maranhão considerava que o emprego de neologismos por parte dos escritores mencionados prejudicava não só a organização do texto, mas também a performance do autor e a estética do romance. De acordo com Alberto Maranhão, era condição indispensável a qualquer autor recursar os vocábulos estrangeiros em favor das belas letras nacionais, das quais se dizia admirador convicto (1898, p.169). Nesse sentido, há certo nacionalismo linguístico professado por Alberto Maranhão, uma vez que o domínio da língua nacional por um determinado autor e, conseqüentemente, o seu uso no texto eram uma condição *sine qua non* para a constituição de um estilo apreciável, elogiável, digno da condescendência de qualquer crítico literário.

Não é por acaso que Alberto Maranhão teceu comentários laudatórios ao romance *Inverno em Flor* (1897) de Coelho Netto, justamente pelo fato de o autor dominar e utilizar o “bello idioma de Camões e de Gonçalves Dias” (1898, p.169).

Diferentemente do estilo esmaecido de Arthur Lobo e fatigante de Abel Botelho, o de Coelho Netto é descrito pela sua doçura opulente e mágica em razão de o romancista ser um dos mais perfeitos cultores da frase na literatura do Brasil e Portugal, segundo o norte-rio-grandense. Em vez de criticar o estilo de Coelho Netto, Alberto Maranhão rende-se a ele, laureando-o: “Ao fecundo escriptor de *Inverno em flor* envio parabens, como brasileiro e como apreciador das bellas lettras do meu paiz, que quizera ver servidas por muitos da estatura de Coelho Netto, pelo passo da gigante que vem de dar no terreno difficil do romance psychologico com o estudo admiravel e perfeito” (1898, p.171-172). Como se pode perceber, a grande virtude do estilo de Coelho Netto em seu romance foi o emprego dos vocábulos nacionais e a ausência dos neologismos. José Veríssimo em uma análise crítica da obra *Miragem* (1895) de Coelho Netto, publicada pela *Revista Brasileira* na seção *Bibliographia*, em 1895, já havia feito considerações semelhantes às realizadas por Alberto Maranhão em 1898. Para José Veríssimo, Coelho Netto era um dos escritores da *nova geração* que tinha realmente valor, o qual “poderão as letras brasileiras contar” (1895, p.123). Para o referido crítico literário, as expressões utilizadas por Coelho Netto no livro *Miragem* (1895) eram excelentes e expressavam o bom uso da língua nacional, o que levou José Veríssimo a elogiá-lo, e não a censurá-lo. Não obstante o elogio ao estilo de Coelho Netto, o diretor da RB destacou duas fragilidades, a saber: a falta de sobriedade e de simplicidade. Para José Veríssimo, esses elementos denunciavam a imperfeição do estilo de Coelho Netto por não primar pelo uso de expressões mais simples e mais natural, e sim por apropriar-se do recurso de um vocabulário raro, de necessidade e qualidade constestáveis, muitas vezes impróprio e desnecessário: “Sinto carecer absolutamente de autoridade para convencer o Sr. C. N. a renunciar esses recursos de que o seu talento não precisa mais, que antes o prejudicam” (1895, p.126).

Além de avaliar o estilo do autor a partir do uso ou não do vocábulo pátrio ou do emprego de neologismos no texto, Alberto Maranhão considerava ainda outros dois elementos: a relevância e a estética da obra.

Diferentemente de suas outras análises acerca dos romances de Coelho Netto, Alberto Maranhão põe em destaque apenas a relevância educacional do livro *América* para a formação cívica dos pequenos patrícios: “As nossas escolas primarias resentiam-se todas da falta de um livro que, como esse, ensinasse os pequenos brasileiros a amar a patria e conhecer os seus grandes feitos, preparando-se, assim, bons cidadãos e patriotas” (1898, p.57). Apesar de mencionar a linguagem simples e acessível do livro de Coelho Netto, o elogio não se dá pelo uso do vocabulário pátrio e ausência dos neologismos no texto, mas sim pelo patriotismo do autor em apresentar “os factos culminantes da nossa historia, que facilmente, assim, poderão ser compreendidos” (Maranhão, 1898, p.57). De acordo com Alberto Maranhão, o mérito do livro *América* não estava na beleza da sua forma, mas no seu conteúdo, na sua capacidade de ensinar aos pequenos brasileiros o amor à pátria e conhecer seus grandes feitos, preparando-os para ser bons cidadãos e patriotas. Por essa razão que o intelectual norte-rio-grandense recomendava-o às diretorias da instrução pública, espalhadas por todo o país, para que introduzissem nas escolas “a leitura assidua e a explicação do precioso livrinho de educação cívica *America*, do nosso trabalhador e talentoso patricio Coelho Netto” (1898, p.58).

É válido salientar que os livros de Coelho Netto foram os que mais receberam análises críticas dos sócios do grêmio, talvez pelo fato de o romancista ser um dos principais escritores nacionais do período. Muitos jovens intelectuais brasileiros da última década do século XIX nutriam uma profunda admiração por Coelho Neto e procuravam imitar o seu estilo. Alguns membros do *Gremio Polymathico* faziam parte desse grande grupo de admiradores. O próprio Alberto Maranhão, como foi demonstrado em páginas anteriores, não economizava elogios ao estilo de Coelho Netto. Outro sócio do grêmio, Juvenal Lamartine, também enaltecia, nas páginas da seção *Bibliographia* da RRN, o estilo de Coelho Netto. Juvenal Lamartine teceu vários comentários laudatórios ao estilo adotado por Coelho Netto em seu livro *o Paraíso* (1898), evidenciando o caráter belo da linguagem e da riqueza das frases empregadas pelo romancista (1898, p.369). Assim como Alberto Maranhão, Juvenal Lamartine exaltava a estética do estilo de Coelho Netto devido à forma com que o autor manuseava a língua portuguesa, o que tornava sua descrição bela e atrativa. Isso não significa dizer que, entre

os intelectuais norte-rio-grandenses, houvesse um absoluto tom acríptico em face ao estilo empregado por Coelho Netto.

O próprio Alberto Maranhão fez uma pequena crítica ao referido autor em sua obra *A Descoberto da Índia* (1898), tecendo o seguinte comentário: “Livro feita às pressas, o que não é bom systema, mas que justifica-se, no caso, por tratar-se de uma homenagem á colonia portugueza por ocasião das festas da commemoração, em maio ultimo, (...)” (1898, p.365). A crítica ao estilo diz respeito ao caráter aligeirado da escrita do livro. Essa concepção de análise literária estava diretamente vinculada ao conceito de *Literatura Apressada* de José Veríssimo, o qual depreciava qualquer obra feita às pressas, por entender que haveria uma perda substancial na qualidade literária do texto (Cf. Costa, 2017). Apesar de enunciar que o livro de Coelho Netto foi escrito apressado, Alberto Maranhão não reprova o autor, pelo contrário, justifica-o. Contudo, o intelectual potiguar não foi tão condescendente assim com o estilo de Brito Mendes, um pseudônimo, no romance *Chico Bumba* (1897): “O livro é feito apressadamente e os defeitos assentam principalmente n’essa falta originaria – ausencia de methodo e vontade de acabar” (1898, p.59). Diferentemente de Coelho Netto, Brito Mendes desenvolveu uma narrativa cuja trama era a vida boemia do autor e dos seus colegas nas noites fluminense. Para Alberto Maranhão, os erros de Brito Mendes decorrentes da escrita apressada não se justificam, mas os de Coelho Netto, sim. Nesse caso, entra outro critério igualmente importante para Alberto Maranhão: a relevância social da obra. Embora apressada, a escrita de Coelho Netto descreve exatamente, segundo ele, a viagem de Vasco da Gama. Nesse sentido, a homenagem feita por Coelho Netto à comemoração da descoberta marítima lusitana evidenciava por si só a importância de seu livro para as letras. O estilo apressado de Brito Mendes não é absolvido pelo conteúdo de sua trama, como contrariamente acontece n’ *A descoberta da Índia* de Coelho Netto, por isso que Alberto Maranhão critica-o.

As análises de vários romances realizadas por Alberto Maranhão foram importantes para compreender de quais concepções de crítica literária o autor estava se valendo. O uso de estrangeirismos pelos autores, a relevância social da obra para a pátria e o problema da literatura apressada demonstram os parâmetros utilizados pelo crítico norte-rio-grandense em

suas resenhas, isto é, na forma como ele lia os textos literários. Há, ainda, outro elemento da crítica literária de Alberto Maranhão a ser ressaltado: o seu posicionamento enquanto homem de letras diante dos debates intelectuais no cenário letrado nacional. Nesse sentido, sua resenha sobre o livro *Machado de Assis – um estudo comparativo de literatura brasileira* (1897) de Sílvio Romero, publicada em 1898, na RRN, destoa do conjunto das outras resenhas escritas por ele, em grande medida por não apresentar os mesmos critérios de crítica, por exemplo, o juízo quanto ao estilo empregado por Sílvio Romero. A proposta de Alberto Maranhão é única: posicionar-se diante da polêmica levantada por Sílvio Romero, qual seja: Machado de Assis é superior a Tobias Barreto? Para compreender melhor essa questão, é preciso recuperar a história dessa polêmica.

Sílvio Romero contra Machado

O livro *Machado de Assis – um estudo comparativo de literatura brasileira* (1897) fez parte de um conjunto de publicações críticas e polêmicas de Sílvio Romero contra o escritor carioca. É importante salientar que Machado de Assis não respondeu a esse texto de Sílvio Romero. O silêncio machadiano pode ser explicado pela atitude de rejeição às polêmicas que manteve a partir da década de 70 do século XIX (Ventura, 1991, p.96). Isso não significa dizer que não houve embates literários entre os dois. Pelo contrário, os anos 70 foram recheados de polêmicas.

Em 1878, Sílvio Romero publicou um dos seus primeiros textos literários, intitulado *Cantos do fim do século*. Nessa obra, Sílvio Romero publicara um conjunto de poesias cuja proposta era lançar as bases da “moderna poesia”, rompendo com a estética romântica. No prefácio de *Cantos do fim do século*, intitulado *Poesia hoje*, publicado em 1873, o que sugere a ideia de que o texto, inicialmente, fora escrito para funcionar como uma espécie de crítica literária, e não de apresentação de livro, o intelectual sergipano teceu severas críticas ao romantismo, afirmando a sua dissolução, considerando-o como cadáver e pouco respeitado (1878, p.9). Nesse prefácio, Sílvio Romero havia postulado os caminhos que a “poesia moderna” deveria trilhar, necessitando renunciar ao “*idealismo methaphysico*, incongruente e vasio”, segundo ele, típico do romantismo, em favor de uma nova intuição

poética embebida dos grandes princípios da filosofia geral, inspirado nos fundamentos das ciências naturais – embora o autor fosse cômico de que a poesia não pudesse ser sistematizada como as outras ciências (1878, p.12). A “nova poesia” deveria ser resultado do espírito geral da crítica contemporânea, sujeita inteiramente à ação do meio em que se desenvolve e da época em que aparece, em outras palavras, a poesia seria um resultado da crítica do tempo (Romero, 1878, p.11).

Sílvio Romero não foi o único a criticar a poesia romântica. No mesmo ano em que o intelectual sergipano escrevera *Poesia hoje*, Machado de Assis publicara, na revista *O novo mundo*, o texto *Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade* cuja finalidade era examinar os traços que caracterizaram a poesia, o romance e o teatro nacional (1994, p.1). Para Machado de Assis, essas formas literárias compartilhavam um traço comum: o “instinto de nacionalidade”, isto é, a busca por apresentar as “cores do país” (1994, p.1). É importante chamar atenção para o fato de que a ideia de “instinto de nacionalidade”, sobretudo no que tange à poesia, não sugere uma espécie de nacionalismo, pelo contrário, o conceito de nacionalidade diz respeito ao “aproveitamento e integração das melhores tendências do movimento lírico internacional à personalidade e diversificação da literatura brasileira” (Curvello, 1982, p. 484). Nesse sentido, para Machado de Assis, reduzir as formas literárias, produzidas até então no Brasil, apenas ao interesse em apresentar a “cor local” não era suficiente para se pensar a constituição de uma literatura brasileira, de fato, independente (Assis, 1994, p.1). Isso não significa dizer que a literatura devesse abandonar por completo os assuntos locais. A crítica machadiana opera em outra chave: o escritor deve ter um sentimento íntimo, “que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço” (Assis, 1994, p.3). Não é por acaso que a crítica machadiana à poesia brasileira de até então se direcione à ausência de um “sentimento de harmonia exterior”, à falta de gosto e à existência de certa obscuridade de pensamento que esteriliza a imaginação (Assis, 1994, p.5). Em outras palavras, o que deve marcar uma poesia verdadeiramente nacional e independente, entendida por ele como “nacionalidade literária”, é a presença de uma viva imaginação e a grandiosidade do seu estilo, isto é, a capacidade do escritor em mobilizar

seus dotes de observação, reflexão e análise, ainda que se aprecie a cor local (1994, p.6).

Em 1873, Sílvio Romero e Machado de Assis convergiram a respeito da postura crítica à forma como se produzia poesia no Brasil, muito embora ambos a tenham feito a partir de distintas chaves de leitura: o intelectual sergipano destacando seu caráter anacrônico e totalmente alienado das reflexões da filosofia geral e dos fundamentos científicos do seu tempo e o escritor carioca evidenciando a falta de um estilo poético que fosse conduzido por uma vívida imaginação, não preocupada apenas em descrever a cor local. Em *Poesia hoje*, Sílvio Romero deixa claro seu distanciamento em relação à poesia romântica, diferentemente de Machado de Assis que, apesar do tom crítico, não rompeu, nesse momento, com essa estética literária.³ Inclusive, o próprio Machado de Assis publicou na *Revista Brasileira* um artigo intitulado *A nova geração* (1879), criticando duramente os arrazoados feitos por Sílvio Romero no prefácio *Cantos do fim do século* acerca da poesia romântica.

O artigo *A nova geração* não era propriamente uma resposta direta a Sílvio Romero. Na verdade, Machado de Assis criticara em bloco, o que ele denominou de “nova geração”, um grupo de jovens escritores⁴ que haviam proposto na década de 70 um novo projeto de construção poética. Para Machado de Assis, a “poesia nova” levada a cabo pela “nova geração” era uma expressão incompleta, difusa, transitiva (1879, p.373). Segundo ele, a “nova geração” de poetas, incluindo aí Sílvio Romero, chasqueava do romantismo decretando sua morte no cenário literário nacional: “a alguns delles, se é a musa nova que os amamenta, foi aquella grande moribunda que os gerou; e até os ha que ainda cheiram ao puro leite romântico” (1879, p.373). Todavia, a declaração jocosa da morte da poesia romântica, anunciada por Sílvio Romero no prefácio *Cantos do fim do século*, a qual o próprio Machado havia citado diretamente em seu texto, não era o único ponto que incomodava o romancista carioca.

³ Somente entre 1880 e 1908 é que o já consagrado escritor carioca afasta-se “da mistura romântica de colorido local”, romanesco e patriótico (SCHWARZ, 2004, p.15).

⁴ Machado de Assis cita nominalmente todos os poetas que ele considerava fazer parte da *nova geração*. Sílvio Romero, Affonso Celso Júnior, Lucio de Mendonça, Ezequiel Freire, Theophilo Dias e Francisco de Castro são alguns desses nomes.

A grande questão não resolvida pela “nova geração” era a falta de definição de uma nova estética poética. Dito de outro modo, o que Machado de Assis estava questionando era a base teórica e o ideal da “poesia nova” (1879, p.373). Enquanto a ideia proposta pela “nova geração” passava pela defesa das questões sociais e filosóficas, como a defesa da Humanidade, Machado compreendia que uma “poesia nova” deveria propor uma nova estética, e não uma doutrina social: “mas entre uma aspiração social e um conceito estheito vae differença; o que se precisa é uma definição esthetica” (1879, p.374). Machado de Assis discorda de Sílvio Romero quando este evidencia que a “intuição literária” deva ser buscada no “espírito geral da crítica contemporânea” (1879, p.378). A proposta de Sílvio Romero, apresentada no prefácio *Cantos do fim do século*, de procurar dar uma nova direção à arte poética a partir de uma estética alicerçada na crítica do tempo, não estava perfeitamente caracterizada e definida, segundo Machado de Assis (1879, p.378). Ele considerava que a indefinição e a fragilidade da nova estética poética pela “nova geração” poderiam ser encontradas na própria falta de estilo de Sílvio Romero. Para Machado, o escritor sergipano tinha ideias de poeta, mas não conseguia traduzi-las, justamente porque estava mais preocupado com certa concepção de pensamento do que com a forma de apresentação: “o espirito, que formulou a ideia, a seu modo, suppõe havel-a transmittido nitidamente ao papel, e dahi um equivoco” (1879, p. 401). Não se trata aí de elevar a forma e reduzir a concepção. A crítica machadiana defende a combinação entre o conteúdo e a forma, evitando a obscuridade do pensamento. A “poesia nova”, portanto, não poderia ser considerada superior à romântica porque seu conteúdo, sua ideia, alinha-se com a ciência e/ou com a filosofia. Do ponto de vista de uma nova forma ou um novo estilo, a “poesia nova” da geração de Sílvio Romero não havia acrescentado nada à literatura brasileira, consoante à avaliação machadiana. Para ele, a forma é a peça fundamental para a transmissão da ideia, dessa maneira exige que o poeta articule o estilo corretamente.

Na avaliação de Machado de Assis, apesar de escrever um livro de poesia, *Cantos do fim do século*, Sílvio Romero não poderia ser considerado um poeta, justamente por seus textos não possuírem uma forma poética: “Que o Sr. Romério tenha algumas ideias de poeta, não lh’o negará a critica; mas logo que a expressão não traduz as ideias, tanto importa não as ter

absolutamente” (1879, 401). Sílvio Romero responde Machado de Assis da mesma forma em 1897, afirmando que seu crítico não era poeta: “A indole do talento de Machado de Assis é inteiramente alheia á verdadeira poesia. Nem lyrico e nem épico poderá jamais elle ser” (1897, p.4).

Além do problema da ausência de definição estética, havia outra crítica que Machado de Assis fez aos poetas da “nova geração”: a aplicação indiscriminada do cientificismo à literatura.⁵ Não somente a ela, é verdade. Por exemplo, no conto *O Alienista*, publicado em 1882, Machado de Assis faz uma sátira do cientificismo aplicado ao estudo da loucura (Bosi, 1979, p.88). Semelhantemente, nos romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Quincas Borba* (1891) o autor utilizou-se de uma narrativa bastante irônica para se referir criticamente à filosofia *Humanitista* de Quincas Borba. A questão para Machado de Assis não era censurar a contribuição das teses científicas e/ou filosóficas, distanciando-as da produção literária. Não se trata de desacreditá-las. Pelo contrário, a verdadeira ciência deveria ser assimilada e aplicada oportunamente (1879, p.412).

Na leitura de Machado, o problema da “nova geração” passava também pela presença do “espírito de seita”, isto é, o uso acrítico e ornamental das ideias científicas e filosóficas (Assis, 1879, p.413). Machado chama atenção para esse ponto ao criticar a poesia de Sílvio Romero: não se lhe distinguem os versos pelos característicos da escola, se escola lhe pudessemos chamar; pertenceu a ella antes pela pessoa do que pelo estylo (1879, p.401). Para Machado, a questão não era simplesmente a influência de uma determinada corrente de pensamento ou estética literária na formação e criação do poeta. O próprio Machado de Assis recebeu inúmeras influências da literatura portuguesa, francesa, inglesa, americana, espanhola e até chinesa, sem, no entanto, pertencer a uma seita (Curvello, 1982, p.486;

⁵ Machado de Assis já havia feito essa mesma crítica um ano antes da publicação do texto *A nova geração*. Em 1878, o escritor carioca publicou na revista *O Cruzeiro*, sob o pseudônimo Eleazar, uma resenha sobre romance de Eça de Queiroz, o *Primo Basílio* (1878), na qual alertava aos jovens escritores brasileiros sobre o problema do excesso de aplicação das ideias realistas e científicas na literatura: “não se deixem seduzir por uma doutrina caduca, embora no verdor dos anos. Este messianismo literário não tem a força da universalidade nem da vitalidade; traz consigo a decrepitude. Influi, decerto, em bom sentido e até certo ponto, não para substituir as doutrinas aceitas, mas corrigir o excesso de sua aplicação. Nada mais. Voltemos os olhos para a realidade, mas excluamos o realismo, assim não sacrificaremos a verdade estética. (...) Ora, o realismo dos srs. Zola e Eça de Queirós, apesar de tudo, ainda não esgotou todos os aspectos da realidade” (2008, p.1.242).

Oliver, 2012, p.250). Essa multiplicidade de inspirações comprova, segundo Élide Oliver, a “independência artística e intelectual, que abria diálogo livre e desimpedido com qualquer autor da literatura ocidental que lhe conviesse” (2012, p.250). Diferentemente da postura de Machado perante as influências científicas e literárias do seu tempo, o comprometimento da pessoa, Sílvio Romero, com a “escola hugoísta”, impediu, na avaliação do escritor carioca, a formulação do seu estilo próprio, em outros termos, sua autonomia artística.

A resposta de Sílvio Romero às críticas de Machado de Assis ao grupo da “nova geração” veio em 1882, com a publicação do livro *Naturalismo em literatura*. Ao longo da década de 70, Sílvio Romero escrevera vários artigos em periódicos do norte do país, criticando o romantismo “aero, mórbido, inconsistente, hysterico” (Romero, 1882, p.10), representado por Machado de Assis. No livro de 1882, Sílvio Romero sintetizou sua crítica ao romantismo, opondo-o à estética poética realista e naturalista, a qual se filiara. Na verdade, o debate proposto pelo intelectual sergipano vai além de uma mera comparação entre distintas estéticas literárias. De certa maneira, Sílvio Romero está disputando certa forma de conceber e fazer literatura, uma vez que o literato deveria ter uma filosofia, uma intuição do mundo e da humanidade “capaz de dar um sentido às suas pesquisas, capaz de fornecer-lhe um ideal de progresso e de libertação”, devendo estar distante do “empirismo chato e da idealidade idiota” (1882, p.29-30). Nesse sentido, a literatura não seria apenas o produto da natureza, restringindo-se a descrição das paisagens da terra, ou “tirar photographias do mundo exterior”, mas um constructo humano, histórico-social e evolutivo das faculdades estéticas da humanidade (Romero, 1882, p.30). Para Sílvio Romero, apenas a concepção de literatura dada pela estética naturalista e realista poderia, de fato, captar o sentido do trabalho literário. Essa preocupação em destacar a contribuição do naturalismo e do realismo para uma nova concepção de literatura foi uma resposta aos duros questionamentos levantados por Machado de Assis sobre a ausência de definição estética dos escritores da “nova geração”.

Ao estabelecer a noção de literatura presente na estética realista/naturalista, Sílvio Romero inverte a lógica da argumentação machadiana, deslocando-a do objeto para o sujeito, isto é, o problema não reside na ausência de definição estética, mas em sua incompreensão por

parte do escritor carioca. Dito de outra maneira, o problema é Machado de Assis ou, mais especificamente, sua falta de estudo, que o leva a não compreender a concepção de literatura proposta pelo realismo e naturalismo (1882, p.34-35). O intelectual sergipano utiliza-se do *argumentum ad Hominem*, voltando-se para a crítica à pessoa de Machado de Assis e o que ele representa, o romantismo decadente, e não ao mérito do seu argumento. Não é por acaso que Sílvio Romero qualifica Machado de Assis como um representante do pensamento retrógrado no Brasil, um autor “frívolo e inofensivo como é, é tanto mais para ser combatido, quanto pela dubiedade de seu caracter politico e litterario em nada pode ajudar a geração que se levanta e a quem insinúa-se por amigo”, e símbolo do “romantismo velho cachetico, opilado, sem ideias, sem vistas... lantejoulado de pequeninas phrases, ensebadas fitas para effeito” (1882, p.37-38). Machado de Assis é descrito como um parasita, vivendo de uma combinação do classicismo e do romantismo, sem conseguir romper com nenhuma dessas estéticas literárias, por ter sido “sempre vacillante em seus comeitamentos” (1882, p.38). Como se percebe a crítica de Sílvio Romero concentra-se em atacar a pessoa de Machado, e não o mérito da sua obra.

Machado de Assis foi um dos principais alvos das críticas de Sílvio Romero. Nas décadas de 70 e 80, o polemista sergipano escreveu vários textos condenando o *lirismo subjetivista* e o *humorismo pretensioso* do romancista carioca (Ventura, 1991, p.96), além da sua biografia. No entanto, a crítica mais sistemática ao romancista carioca só veio nos últimos anos do século XIX, com a publicação do livro *Machado de Assis – um estudo comparativo de literatura brasileira* (1897).

Como sugere o próprio título do livro, Machado de Assis é estudado a partir de um referente comparativo, qual seja: Tobias Barreto. Aliás, foi a ele e aos outros amigos da *Escola de Recife*, mais especificamente Arthur Orlando, Clóvis Bevilacqua e Martins Júnior, que Sílvio Romero dedicou a sua obra. Isso demonstra que o livro não se tratava apenas de reconhecer a importância da obra de Tobias Barreto perante um dos mais importantes homens de letras do Brasil, Machado de Assis, mas sim evidenciar a relevância da *Escola do Recife* para o campo intelectual brasileiro: “por haveremos carregado na litteratura brasileira, sob o ponto de vista da notoriedade, com a triplíce tarefa de defender o nosso lugar, e, ao mesmo

tempo, o da escola do Recife, e particularmente o de Tobias, de todo o mais injustamente julgado, (...)” (1897, p.28). O que está em jogo é a disputa pelo protagonismo no pensamento literário nacional, de um lado a *Escola de Recife*, do outro os literatos da Corte, representados, respectivamente, por Tobias Barreto e Machado de Assis. É por essa razão que o *leitmotiv* do livro de Romero é a crítica à ideia de Machado de Assis como a estrela da literatura brasileira.

De fato, a leitura de Sílvio Romero está correta no sentido de afirmar o protagonismo que Machado de Assis assumira na cena literária nacional do final do oitocentos. Um dos estudiosos da obra machadiana, John Gledson, corrobora com Romero: “com a morte de Alencar no fim de 1877, [Machado de Assis] virou “líder” indisputado da literatura brasileira” (2013, p.16). Todavia, Sílvio Romero é taxativo quanto ao “verdadeiro” posto que o escritor carioca deveria ocupar na história intelectual do Brasil. Desse modo, o que está em questão não é o mérito da obra de Machado de Assis em si, mas seu lugar, isto é, o “fetiche” construído em torno dela que o conduziu à centralidade na literatura brasileira.

Em linhas gerais, o escopo do livro de Sílvio Romero pode ser dividido em duas frentes: a crítica propriamente dita ao estilo e à obra de Machado de Assis e a afirmação da superioridade da *Escola de Recife*, mais especificamente de Tobias Barreto perante a obra machadiana.

Ao criticar Machado de Assis, Sílvio Romero adotou basicamente dois critérios: o evolucionista e o etnográfico. Conforme o estudioso do tema, Roberto Ventura, o critério evolucionista é tomado por Sílvio Romero como um rolo compressor que nivela a literatura a uma série evolutiva de escolas e estilos, em que os escritores são avaliados como valorizados ou depreciados, “a partir do grau de correspondência com as tendências eleitas pelo crítico” (1991, p.97-98). Machado de Assis é descrito como um filho retardatário do romantismo, um representante do prolongamento da decadência dessa estética literária no Brasil, enfim, um mero espectador das novas tendências (Romero, 1897, p.13). Para Sílvio Romero, Machado de Assis não foi nem poderia ser um dos apóstolos das novas correntes filosóficas e literárias no Brasil, justamente por não acompanhá-las e por não ter, a partir das ideias modernas, construído uma síntese superior (1897, p.14). É por essa razão que Machado de Assis, conforme a avaliação do escritor sergipano, não possuía

discípulos, porque ele nada tinha inventado nem produzido uma só ideia, provando, ao contrário dos seus elogiadores, a mais evidente da negatividade da sua obra. Essa avaliação negativa da literatura machadiana passava, por um lado, pela crítica ao fato de Machado ter tido uma postura de impotência, não produzindo uma ideia que evoluísse para a constituição de uma tendência literária e/ou filosófica, por outro, por não ter sido um intelectual engajado, panfletário da produção intelectual nacional (Guimarães, 2001, p.56). Para Sílvio Romero, Tobias Barreto, diferente de Machado, teria superado o romantismo, operando uma verdadeira mudança no cenário intelectual do Brasil. Às vésperas da década de 70, o rompimento com a estética romântica permitiu a ascensão de uma nova tendência literária: o naturalismo. Sílvio Romero recupera as bases de sua argumentação esboçadas lá em 1882, na ocasião da publicação do seu livro *Naturalismo em literatura*. A tensão novamente passa pela disputa entre projetos diferentes de literatura: o romantismo e o realismo/naturalismo. Para Romero, a evolução nas letras nacionais dar-se-á em direção à ruptura com o romantismo. Destarte, Tobias seria o grande intelectual brasileiro, superior a Machado, justamente por ter conseguido romper com a “retrógrada” estética romântica, além de ter propagandeado e aplicado no Brasil o evolucionismo darwinista no campo do direito, enquanto o escritor carioca, não (1897, p.30). Em outras palavras, Tobias Barreto e seus amigos da *Escola do Recife* teriam dado uma resposta positiva à crise.

Além do critério evolutivo, Sílvio Romero utilizou-se do elemento nacionalista, de base étnica, para relativizar o brilhantismo e o protagonismo da obra machadiana. Para ele, Machado de Assis era um brasileiro, um exemplo da sub-raça americana que forma o tipo diferencial da nossa etnografia e sua obra evidencia o caráter dessa formação racial. Machado de Assis era um escritor brasileiro como qualquer outro, não brilhante, nem rutilo, nem grandioso, nem eloquente, é plácido, uniforme e compassado: “Sente-se que o autor não dispõe profusamente, espontaneamente do vocabulário e da phrase. Vê-se que elle apalpa e tropeça, que sofre de uma perturbação qualquer nos órgãos da palavra. Sente-se o esforço, a luta” (1892, p.82-83). O elemento étnico, mestiço, demonstra a falta de originalidade do estilo machadiano, este nada mais é do que uma fotografia exata do seu espírito, da sua índole e da sua psicologia indecisa, e é por essa razão que

explica a sua mestiçagem literária e o caráter incompleto de sua obra: “Machado de Assis hoje é fundamentalmente o mesmo eclético de trinta ou quarenta anos atrás: meio clássico, meio romântico, meio realista, uma espécie de *juste-milieu* litterario, um homem de meias tintas, de meias palavras, de meias idéas, de meios sistemas, (...)” (Romero, 1897, p.133). É importante salientar que a raça, ao lado do meio, tornara-se uma das categorias fundamentais de explicação da sociedade brasileira, no final do século XIX e início do XX (Ortiz, 2006, p.16).

Vários homens de letras, dentre eles o próprio Sílvio Romero, explicavam a constituição do povo brasileiro a partir desses critérios. Não é despropositado que o caráter étnico de Machado de Assis explicasse, consoante Sílvio Romero, não só a sua índole e a sua psicologia, mas também a forma como o escritor carioca elaborava o enredo dos seus romances, dos seus contos, de suas comédias e a construção social e psicológica dos seus personagens, tipicamente brasileiros (1897, p.18). Para Romero, Machado de Assis é um autor mestiço, indeciso, pouco inventivo e sua obra nada é mais do que o reflexo dessa formação étnica.

Os critérios, evolutivo e nacional – étnico, foram utilizados por Romero como uma maneira de questionar o tom assaz elogioso que os literatos da Corte aclamavam o romancista carioca em detrimento da importância da obra de Tobias Barreto e da *Escola de Recife* para a história da literatura nacional (1897, p.43). O que estava em disputa era o cânone literário brasileiro, por essa razão fazia-se necessário, para Sílvio Romero, elevar Tobias Barreto e a *Escola de Recife* perante a obra machadiana.

Tobias ou Machado, eis a questão!

De maneira geral, pode-se afirmar que Alberto Maranhão compartilhava das mesmas impressões de Sílvio Romero com relação à questão Tobias-Machado. Em sua análise da obra do escritor sergipano, Alberto Maranhão concorda plenamente com as conclusões de Romero a respeito do esquecimento de Tobias Barreto pelos intelectuais do sul do país: “Compreende-se facilmente, com a leitura do livro de Sylvio Romero, que o grande artista do Braz Cubas não pode absolutamente ser collocado em plano superior na historia das letras do Brazil ao em que justamente se deve

assignalar a Tobias Barreto” (1898, p.117). Para Alberto Maranhão e Sílvio Romero, o que estava em jogo na querela com Machado de Assis não era apenas a necessidade de retirar do esquecimento ou dar o devido reconhecimento à obra do seu amigo e conterrâneo. O grande interesse de Sílvio Romero nessa polêmica, em especial, era construir o próprio lugar do movimento da *Escola de Recife* na memória da literatura nacional:

Por havermos carregado na litteratura brasileira, sob o ponto de vista da notoriedade, com a tríplice tarefa de defender o nosso lugar, e, ao mesmo tempo, o da escola do Recife, e particularmente o de Tobias, de todos o mais injustamente julgado, entendem hoje alguns bisbilhoteiros que entre nós dois não deveria ter havido jamais o menor dissentimento, e dão-nos como obrigado a aceitar em cheio tudo quanto foi por aquelle amigo escripto e pensado” (1897, p.18).

O grande elemento a ser defendido por Sílvio Romero era a centralidade da *Escola do Recife* na literatura nacional, projeto presente em textos anteriores, como o artigo *Prioridade de Pernambuco no movimento espiritual brasileiro*, publicado em 1879 pela *Revista Brasileira*, e a obra *Historia da Litteratura Brasileira* (1888). Além de destacar a *Escola de Recife* como a grande propulsora da moderna literatura nacional, Sílvio Romero estava advogando também o seu lugar na memória literária brasileira. Era imperioso, para ele, evidenciar a superioridade da *Escola de Recife* perante qualquer agenciamento literário que extrapolasse os limites da contribuição do movimento pernambucano. A contragosto do intelectual sergipano, a inteligência do sul do país, mormente aquela inscrita no Rio de Janeiro, sob os auspícios de José Veríssimo, instituiu Machado de Assis como a mais alta expressão do gênio literário nacional (1915, p.182). A reação de Sílvio Romero foi demonstrar a superioridade dos intelectuais da *Escola do Recife* em relação a Machado de Assis: “A escola intellectual do Recife tem sido uma officina poderosa de idéas, que pesa mais do que a Machado de Assis tem querido parecer; porque o digno romancista não se quiz ainda dar ao trabalho de a estudar a fundo em suas multiplices manifestações” (1897, p.61). A postura alheia de Machado de Assis em face da contribuição da *Escola de Recife* era encarada por Sílvio Romero como ato de injustiça, tendo em vista que o próprio romancista carioca era devedor do movimento pernambucano, pois este teria estimulado o seu desenvolvimento mental no momento em que o autor de *Quincas Borba* começou a estudar a língua

alemã por intermédio de Tobias Barreto que teria introduzido o germanismo nas letras brasileiras (1897, p.62).

Sílvio Romero mostra que Machado de Assis não foi superior a Tobias Barreto, nem na prosa, nem na poesia. Tobias Barreto é apresentado por seu conterrâneo como um dos melhores poetas do Brasil e um dos mais distintos prosadores (1897, p.94). Em contraposição, Machado de Assis é descrito como um poeta sem talento para a escrita e um prosador sem qualidade de imaginação e de descrição. Enquanto Sílvio Romero relata que Machado de Assis não tinha fundado nenhuma escola literária no Brasil ou se apropriado de alguma tendência filosófica moderna para formular uma nova estética literária, permanecendo nos limites do romantismo já em dissolução e retrógrado, Tobias Barreto é descrito como o introdutor de várias correntes filosóficas alemãs na literatura nacional, um mestre que emancipou os jovens das velhas tutelas do pensamento francês, um espírito agitador, um agente de transformação no terreno das ideias (1897, p.323-325). Diante dessa lista de contribuições à moderna literatura brasileira, Sílvio Romero pergunta: “Com que direito quem não tem provas em contrario vem, pois, contestar estes pontos da historia intellectual da nação, por mera vaidade ou para enroupar outros de glorias que lhes não podem caber?” (1897, p.325). A resposta de Sílvio Romero é retórica: “a importância que elle merece, é cousa tão evidente, que nem precisa de provas” (1897, p.325).

A análise crítica de Alberto Maranhão sobre o livro de Silvio Romero só reforçou o tom elogioso a Tobias Barreto: “a meu ver e sem hyperbole o maior talento analytico e o mais profundo espirito philosophico que tem produzido ate hoje o paiz” (1898, p.116). Apesar de nunca ter sido aluno de Tobias Barreto, Alberto Maranhão assinala, à luz de Sílvio Romero, sua relevância na divulgação de novas teorias, sobretudo da filosofia dos modernos juristas da Alemanha, entre os jovens bacharéis (1898, p.117). É preciso ressaltar que Alberto Maranhão fazia parte dessa tradição bacharelesca, formada pela *Faculdade de Direito de Recife* (FDR).

Em 1892, o jovem norte-rio-grandense completara seus estudos jurídicos na FDR, tornando-se bacharel em direito. Decerto, nesse período, a faculdade já não contava mais com o seu professor Tobias Barreto, falecido em 1889. Porém, muitas ideias difundidas por ele e pelos intelectuais da chamada *Escola de Recife*, especialmente Sílvio Romero, tais como o

naturalismo, o evolucionismo e o cientificismo, ainda circulavam na FDR. De certa forma, o bacharel Alberto Maranhão colocava-se como parte da própria tradição literária e filosófica que Sílvio Romero intentava construir. Desse modo, não é despropositado que Alberto Maranhão tenha corroborado com as afirmações de Sílvio Romero sobre Tobias Barreto, muito embora tenha deixado claro que a importância do livro do sergipano, a qual analisa, tenha sido elevar o autor de *Estudos Alemães*, sem diminuir Machado (1883) (1898, p.118).

Para Alberto Maranhão, Machado de Assis era possuidor de ótimas qualidades literárias, apresentando um talento para a descrição psicológica dos personagens e uma facilidade de generalizar fatos e ideias “que dão á sua alma o sainete moralizante que o humour e o pessimismo, empregado pelo grande artista, como diletantismo, não podem apagar” (1898, p.118). Essa leitura de Alberto Maranhão emulava as impressões que alguns intelectuais do norte do Brasil tinham a respeito da obra de Machado de Assis, sobretudo aqueles vinculados à *Escola do Recife*. Em grande medida, a obra machadiana foi recebida via a crítica de Sílvio Romero, o que pode ter contribuído para certa resistência à sua recepção entre os homens de letras do Norte. De todo modo, tanto Sílvio Romero como Alberto Maranhão reconheceram os dotes de escritor de Machado de Assis. Todavia, diferentemente de Sílvio Romero, Alberto Maranhão não apresentou nenhuma crítica, em particular, à obra machadiana. Talvez, até discordasse de algum juízo de valor feito por Romero, muito embora não tenha deixado nenhuma evidência disso. De fato, a questão principal era ressaltar a importância de Tobias Barreto, ou melhor, de toda a tradição intelectual representada por ele, não é sem razão que Alberto Maranhão o considerasse como uma das mais altas representações da mentalidade brasileira (1898, p.16). Para o escritor norte-rio-grandense, o que importava não era, necessariamente, a figura de Machado ou a redução de sua importância em face da contribuição de Tobias para o pensamento brasileiro. Na leitura de Alberto Maranhão, o livro *Machado de Assis – um estudo comparativo* (1897) equiparava os dois grandes escritores brasileiros, considerados por ele como igualmente relevantes para as letras nacionais – muito embora esta não fosse a interpretação desejada pelo escritor, Sílvio Romero. Nesse particular, o leitor Alberto Maranhão discorda do autor, Romero.

Considerações finais

Em meio à suposta falta de notoriedade dos fundadores e participantes da *Escola do Recife*, por parte de Machado de Assis e da crítica fluminense, sobretudo do diretor da RB, José Veríssimo, Sílvio Romero elegeu Tobias Barreto como personagem-símbolo para disputar a construção da memória da literatura nacional. Para Sílvio Romero, era patente desconstruir a genialidade do principal nome da literatura brasileira, Machado de Assis, eleito pela crítica do sul. Sua estratégia é muito clara: estabelecer comparações entre o maior representante da *Escola de Recife*, Tobias Barreto e Machado de Assis. Para isso, como já foi mencionado, o intelectual sergipano utilizou dois critérios: o evolutivo e o nacionalista, de base étnica. O objetivo desses critérios era relativizar a superioridade estética do romancista carioca em relação às outras estéticas literárias da nação, como o naturalismo e o realismo, e outras tradições literárias, como aquela vinculada à *Escola de Recife*. No entanto, era preciso ir mais além, fazia-se necessário demonstrar a inferioridade da obra de Machado de Assis perante a de Tobias Barreto. A comparação foi alçada como critério de análise.

A escolha de Alberto Maranhão em resenhar o livro *Machado de Assis – um estudo comparativo* (1897), de Sílvio Romero, evidencia, ao mesmo tempo, seu interesse de colocar-se no debate do mundo letrado nacional e sua aproximação intelectual com os principais representantes da *Escola de Recife*, mormente Sílvio Romero. Isso não significa dizer que Alberto Maranhão concordasse com a estratégia de Romero de diminuir Machado de Assis e elevar Tobias.

A estrutura dessa resenha em particular foi totalmente diferente das outras. Alberto Maranhão não se preocupou em estabelecer uma análise do mérito estético do livro de Sílvio Romero. O leitor crítico Alberto Maranhão leu o livro de Romero de forma diferente. Sua resenha não verificou se a obra de Romero reunia as qualidades requeridas para um texto literário. A qualidade ressaltada era outra, qual o seja: o compromisso assumido pelo seu autor, Sílvio Romero, em defender a tradição intelectual da qual Alberto Maranhão se considerava herdeiro.

Referências

A República. Natal, 13 de novembro de 1897.

ARAÚJO, V. L. de. **A experiência do tempo:** conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845). São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

ASSIS, M. de. A nova geração. **Revista Brasileira.** Ano 1. Tomo II. Outubro a Dezembro, 1879.

ASSIS, M. de. Literatura realista. O primo Basílio, romance do sr. Eça de Queiroz, Porto, 1878. In: ASSIS, M. de. **Obras completas.** Vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

ASSIS, M. de. Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade. In: **Obra completa de Machado de Assis.** Vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BOSI, A. **A máscara e a fenda:** sobre alguns contos de Machado de Assis. Encontros com a Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

CASCUDO, L. da C. **História da cidade do Natal.** 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro; Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1980.

COSTA, B. B. A. da. **“A casa da memória norte-rio-grandense:** o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e a construção do Rio Grande do Norte na memória nacional (1902-1927). Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

CURVELLO, M. Falsete à poesia de Machado de Assis. In: BOSI, A. *et al.* (org.) **Machado de Assis.** São Paulo: Ática, 1982.

GLEDSON, J. Introdução. In: ASSIS, M. de. **Crônicas escolhidas.** São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

GUIMARÃES, H. de S. **Os leitores de Machado de Assis:** o romance machadiano e o público da literatura no século XIX. Tese (Doutorado em Teoria e História literária). Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

LAMARTINE, J. O Paraíso por Coelho Netto. Bibliographia. **Revista do Rio Grande do Norte.** Natal. Ano I. Número 7. 1898.

MARANHÃO, A. A descoberta da Índia por Coelho Netto. Bibliographia. **Revista do Rio Grande do Norte.** Natal. Ano I. Número 7. 1898.

MARANHÃO, A. America por Coelho Netto. Bibliographia. **Revista do Rio Grande do Norte**. Natal. Ano I. Número 1. 1898.

MARANHÃO, A. Chico Bumba – episodios da vida da bohemia fluminense por Brito Mendes. Bibliographia. **Revista do Rio Grande do Norte**. Natal. Ano I. Número 1. 1898.

MARANHÃO, A. Inferno em Flor – romance por Coelho Netto. Bibliographia. **Revista do Rio Grande do Norte**. Natal. Ano I. Número 3. 1898.

MARANHÃO, A. Machado de Assis por Sylvio Romero. Bibliographia. **Revista do Rio Grande do Norte**. Natal. Ano 1. Número II. 1898.

MARANHÃO, A. O livro de Alda por Abel Botelho. Bibliographia. **Revista do Rio Grande do Norte**. Ano I. Número 7. 1898.

MARANHÃO, A. O Rio Grande do Norte – ensaio histórico. **Revista do Rio Grande do Norte**. Ano I. Volume I. Natal: Empresa d'A República, 1898.

MARANHÃO, A. Um Escandalo romance por Arthur Lobo. Bibliographia. **Revista do Rio Grande do Norte**. Natal. Ano I. Número I. 1898.

OLIVER, É. V. A poesia de Machado no século XXI: revista, revisão. In: **Variações sob a mesma luz: Machado de Assis repensado**. São Paulo: Editora da USP, 2012.

ORTIZ, R. **Cultura Brasileira & Identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PINTO, L. M. da S. **Diccionario da língua brasileira**. Ouro Preto: Tipografia de Silva, 1832.

ROMERO, S. A poesia hoje (Prefácio). In: **Cantos do fim do seculo**. Tipografia fluminense: Rio de Janeiro. 1878.

ROMERO, S. **Machado de Assis – um estudo comparativo de litteratura brasileira**. Rio de Janeiro: Laemmert & C. 1897.

ROMERO, S. **Naturalismo em literatura**. São Paulo: Tipografia da Província de São Paulo, 1882.

SCHWARZ, R. A vira volta Machadiana. **Novos Estudos CEBRAP**. n.º 69, julho 2004, pp. 15-34.

SILVA, A. de M. **Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro**. Tomo Segundo. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira. 1789.

SILVA, M. J. G. da. **“Em cada esquina, um poeta em cada rua um jornal”**: a vida intelectual natalense (1889-1930). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em História, Natal, 2014.

VENTURA, R. **Estilo tropical**: história cultural e polêmicas literárias no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, J. A literatura apressada. **Revista Brasileira**. Rio de Janeiro. Tomo X. 1897.

VERÍSSIMO, J. Bibliographia. **Revista Brasileira**. Rio de Janeiro. Tomo IV. Outubro a Dezembro de 1895.

VERÍSSIMO, J. Miragem por Coelho Netto. Bibliographia. **Revista Brasileira**. Rio de Janeiro. Tomo IV. Outubro a Dezembro de 1895.